

Dianética 55 – Capítulo 7

CAPÍTULO VII

COMUNICAÇÃO

A comunicação tem hoje tal importância em Dianética e Cien-
tologia -- como sempre tem sido na trilha completa -- que se pode-
ria dizer que se pusermos um pré-claro em comunicação, o poremos em
boas condições. Este fator não é novo na psicoterapia, mas a concen-
tração nele é nova e a interpretação da capacidade como comunicação
é totalmente nova.

Se você estivesse em total e completa comunicação com um
automóvel numa estrada, por certo não teria qualquer dificuldade em
dirigí-lo. Mas se estivesse apenas em comunicação parcial com o
carro e em nenhuma comunicação com a estrada, é quase certo que o -
correria um acidente. A maioria dos acidentes ocorre quando o moto-
rista está distraído por uma discussão que teve, ou por um engarra-
famento, ou por uma cruz à beira da estrada indicando onde alguns
motoristas morreram, ou pelos seus próprios medos de acidentes.

Quando dizemos que alguém deveria estar em tempo presen-
te, queremos dizer que deveria estar em comunicação com seu ambien-
te. Queremos dizer também que deveria estar em comunicação com seu
ambiente tal como existe, não como existia. E quando falamos de
previsão, estamos dizendo que ele deveria estar em comunicação com
seu ambiente como existirá, e também como existe.

Se a comunicação é tão importante, o que é comunicação?
A melhor maneira de expressá-la é pela sua fórmula, que foi isolada
e por cujo uso se pode obter grande número de resultados interes-
santes em mudanças na capacidade.

Há dois tipos de comunicação, ambos dependendo do ponto
de vista adotado. Temos a comunicação que sai e a comunicação que
entra. Uma pessoa que está falando com alguém está se comunicando
com esse alguém (esperamos) e esse alguém com quem ela está falando
está recebendo comunicação daquela pessoa. Quando a conversa muda,
vemos que a pessoa a quem se falava está agora falando, e está fa-
lando para a primeira pessoa, que agora recebe comunicação dela.

Uma conversa é o processo de se alternar a comunicação
que sai e a comunicação que entra, e temos precisamente aqui a sin-
gularidade que causa aberração e enjaulamento. Existe aqui uma re-
gra básica: Aquele que emite deve receber -- aquele que recebe deve
emitir. Quando vemos esta regra desequilibrada para qualquer das
direções, descobrimos a dificuldade. Uma pessoa que esteja apenas
emitindo comunicação na realidade não está comunicando de maneira
alguma, no sentido mais amplo da palavra, pois para comunicar-se to-
talmente, teria de receber, bem como emitir. Uma pessoa que esteja
unicamente recebendo comunicação está também desarranjada, pois se

recebe, também tem de emitir. Toda e qualquer objeção que se tenha às relações sociais e humanas encontram-se basicamente nesta regra de comunicação, onde é desobedecida. Qualquer um que esteja falando, se não estiver num estado compulsivo ou obsessivo de ser, fica consternado quando não recebe respostas. De igual modo, qualquer pessoa a quem se esteja falando fica consternada quando não lhe dão oportunidade de dar sua resposta.

Pode-se compreender até mesmo o hipnotismo por esta regra da comunicação. O hipnotismo é um influxo contínuo sem uma oportunidade para o sujeito emitir. Isto é levado a tal ponto no hipnotismo que o indivíduo está realmente enjaulado no ponto em que está sendo hipnotizado, e permanecerá enjaulado naquele ponto, em certo grau, daí por diante. Assim, pode-se ir ao ponto de dizer que a chegada de uma bala é uma espécie pesada de hipnotismo. A pessoa que recebe a bala não emite uma bala e, assim, é ferida. Se pudesse emitir uma bala imediatamente após receber uma bala, poderia introduzir uma questão interessante, "Seria ela ferida?" Segundo nossas regras, não. Aliás, se ela estivesse em perfeita comunicação com seu ambiente, ^{nem} sequer receberia uma bala de maneira prejudicial. Mas examinemos isto de um ponto de vista altamente prático.

Quando olhamos para duas unidades de vida em comunicação, podemos rotular uma delas como "a" e a outra como "b". Num bom estado de comunicação, "a" emitiria e "b" receberia, em seguida "b" emitiria e "a" receberia. Em cada caso, tanto "a" quanto "b" saberia que a comunicação estava sendo recebida e saberia o que e onde era a fonte da comunicação.

Bem, temos "a" e "b" diante um do outro numa comunicação. "A" emite. Sua mensagem atravessa uma distância até "b" que recebe. Nesta fase da comunicação, "a" é Causa e "b" é Efeito, e o espaço intermediário chama-se Distância. É digno de nota que "a" e "b" são unidades de vida. Uma verdadeira comunicação é entre duas unidades de vida, não é entre dois objetos, ou de um objeto para uma unidade de vida. "A", uma unidade de vida, é Causa, o espaço intermediário é Distância, "b", uma unidade de vida, é Efeito. Agora um término desta comunicação altera os papéis. Ao receber a resposta, "a" é agora Efeito e "b" é a Causa. Temos, assim, um ciclo que completa uma verdadeira comunicação. O ciclo é Causa, Distância, Efeito com Efeito então tornando-se Causa e comunicando através de uma Distância para a fonte original, que é agora Efeito, e a isto chamamos de comunicação nos dois sentidos.

Ao examinarmos isto melhor, verificamos que há outros fatores envolvidos. Há a intenção de "a". Esta, em "b", torna-se a atenção, e para que haja uma verdadeira comunicação, deve ocorrer uma duplicação em "b" do que emanou de "a". Naturalmente, para emitir uma comunicação, "a" deve ter dado atenção a "b" e "b" deve ter dado

à sua comunicação alguma intenção, pelo menos de ouvir ou receber, de modo que temos Causa e Efeito tendo intenção e atenção.

Mas existe outro fator que é muito importante. É o fator da duplicação. Poderíamos expressá-lo como Concordância. O grau de concordância alcançado entre "a" e "b" neste ciclo de comunicação torna-se sua Realidade, e isto é feito mecanicamente pela Duplicação. Por outras palavras, o grau de Realidade alcançado neste ciclo de comunicação depende da quantidade de duplicação. "B", como Efeito, deve até certo ponto duplicar o que emanou de "a" como Causa, para que a primeira parte do ciclo faça efeito, e então "a", agora como Efeito, deve duplicar o que emanou de "b", para que a comunicação seja concluída. Se isto for feito, não há consequência aberrativa. Se essa duplicação não ocorre em "b" e então em "a", obtemos o que equivale a um ciclo inacabado de ação. Se, por exemplo, "b" não duplicou vagamente o que emanou de "a", a primeira parte do ciclo de comunicação não se realizou, e pode resultar em grande quantidade de desordem, discussão e explicações. Então, se "a" não duplicou o que emanou de "b", quando "b" foi causa no segundo ciclo, também ocorreu um ciclo de comunicação incompleto com consequente irrealdade. Ora, naturalmente, se reduzimos a Realidade, reduziremos a Afinidade, de modo que quando a duplicação está ausente, a Afinidade parece decair. Um ciclo de comunicação completo resultará em elevada Afinidade e, com efeito, se apagará. Se desorganizarmos quaisquer desses fatores, temos um ciclo de comunicação incompleto e temos "a" e "b", ou ambos, esperando pelo fim do ciclo. Neste sentido, a comunicação torna-se aberrativa.

A palavra "aberrar" significa fazer algo desviar-se de uma linha reta. A palavra vem basicamente da óptica. Aberração é simplesmente algo que não contém linhas retas. Uma confusão é um feixe de linhas tortas. Uma massa é nada mais nada menos do que uma confusão de comunicação mal administrada. As massas e depósitos de energia, os fac-símiles e engramas que rodeiam o pré-claro são nada mais nada menos do que ciclos de comunicação inacabados que ainda aguardam sua resposta adequada em "a" e "b".

Um ciclo de comunicação inacabado gera o que se poderia chamar de "fome de resposta". Uma pessoa que esteja esperando por um sinal de que sua comunicação foi recebida, está sujeita a aceitar qualquer influxo. Quando uma pessoa esperou sistematicamente, por um período muito longo de tempo, por respostas que não chegaram, qualquer tipo de resposta de qualquer parte será atraída para ela, por ela, como um esforço para remediar sua escassez de respostas. Assim, porá em ação e operação frases engrâmicas existentes no banco contra si própria.

Ciclos de comunicação incompletos causam uma escassez de respostas. Não tem muita importância que respostas foram ou seriam, contanto que se aproximem vagamente do assunto em pauta. Mas importa quando uma resposta totalmente inesperada é dada, como na comunicação compulsiva ou obsessiva, ou quando nenhuma resposta é dada.

A própria comunicação só é aberrativa quando a comunicação que emana da Causa foi repentina e "non sequitur" com o ambiente. Temos aqui a violação da atenção e intenção.

O fator de interesse também entra aqui, mas é muito menos importante, pelo menos do ponto de vista do auditor. Não obstante, explica muita coisa sobre o comportamento humano, e explica de maneira considerável os circuitos. "A" tem a intenção de interessar "b". "B", quando lhe falam torna-se interessante. De igual modo, "b", quando emite uma comunicação, está interessado e "a" é interessante. Temos aqui, como parte da fórmula da comunicação (mas como disse, uma parte menos importante), uma mudança contínua do ser interessado para ser interessante por parte de ambos os terminais, "a" ou "b". A Causa é interessada, o Efeito é interessante.

Bem mais importante é o fato de que a intenção de ser recebido, por parte de "a", impõe a "a" a necessidade de ser duplicável. Se "a" não pode ser duplicável em qualquer grau, então, naturalmente, sua comunicação não será recebida em "b", pois "b", incapaz de duplicar "a", não pode receber a comunicação. Como exemplo disso, digamos que "a" fala em chinês, ao passo que "b" só compreende francês. Para "a" é necessário fazer-se duplicável falando em francês com "b" que só entende francês. No caso em que "a" fala um idioma e "b" outro, e eles não têm um idioma em comum, temos o fator da mímica possível e uma comunicação ainda pode ocorrer. "A", admitindo-se que tenha mão, pode levantar sua mão. "B", supondo-se que também tenha, poderia levantar sua mão. Então "b" poderia levantar sua outra mão e "a" poderia levantar sua outra mão, e teríamos completado um ciclo de comunicação por mímica. A comunicação por mímica também poderia ser chamada de comunicação em termos de massa.

Vemos que Realidade é o grau de duplicação entre Causa e Efeito. Afinidade é monitorada pela intenção e pelos tamanhos das partículas envolvidas, bem como pela distância. A maior Afinidade que existe para qualquer coisa é ocupar seu mesmo espaço. À medida que a distância se amplia, a Afinidade cai. Além disso, à medida que a quantidade de massa ou de partículas de energia aumenta, também a Afinidade cai. Ademais, à medida que a velocidade se afasta do que "a" e "b" consideraram a velocidade ideal -- seja velocidade maior ou menor do que consideraram ser a velocidade adequada, a Afinidade cai.

Existe um outro ponto preciso sobre a comunicação, é a expectativa.

Basicamente, todas as coisas são considerações. Consideramos que as coisas são, e portanto elas são. A idéia é sempre anterior à mecânica da energia, espaço, tempo e massa. Seria possível ter idéias sobre comunicação totalmente diferentes destas. Entretanto, acontece que estas são as idéias de comunicação comuns neste universo, e que são utilizadas pelas unidades de vida deste universo. Temos aqui a concordância básica sobre o assunto da comunicação na fórmula da comunicação, tal como apresentada aqui. Como as idéias são anteriores a esta, um thetano pode obter, além da fórmula da comunicação, uma idéia singular sobre com que exatidão a comunicação deve ser realizada, e se esta não tiver a concordância geral, ele pode ver-se definitivamente fora de comunicação. Tomemos o exemplo de um escritor modernista que insiste que as três primeiras letras de cada palavra devem ser eliminadas, ou que nenhuma sentença deve ser completada ou que a descrição das personagens deve ser feita segundo uma representação cubista. Ele não alcançará concordância entre seus leitores e se tornará, até certo ponto, num "único". Existe uma ação contínua de seleção natural, poder-se-ia dizer, que elimina as idéias de comunicação estranhas ou singulares. Para estarem em comunicação, as pessoas abraçam as idéias básicas, tais como apresentadas aqui, e quando alguém tenta desviar-se demais destas regras, simplesmente não o duplicam e assim ele efetivamente sai de comunicação.

Temos visto toda uma raça de filósofos saírem de existência desde 1790. Temos visto a filosofia tornar-se um assunto muito sem importância, quando outrora era uma moeda muito comum entre as pessoas. Os próprios filósofos põem-se fora de comunicação com as pessoas ao insistirem em usar palavras de definições especiais que não poderiam ser facilmente assimiladas pelas pessoas em geral. A moeda da filosofia não podia ser facilmente duplicada pelas pessoas com vocabulários relativamente limitados. Tome palavras difíceis como "telecinese". Embora provavelmente signifique algo muito interessante e muito vital, se você lembrar bem, nenhum motorista de taxi mencionou esta palavra para você enquanto pagava a corrida ou mesmo durante os momentos mais verborrágicos da corrida. Provavelmente, a dificuldade básica da filosofia era ter-se tornado germânica na sua gramática, um exemplo dado por Emmanuel Kant. E se você se lembra daquela maravilhosa história de Saki, um homem certa vez morreu esmagado quando tentava ensinar verbos irregulares alemães a um elefante. A filosofia abriu mão de parte da sua responsabilidade por um ciclo de comunicação ao se tornar induplicável pelos seus leitores. É responsabilidade de qualquer pessoa que queira comunicar-se usar um vocabulário que possa

ser compreendido. Assim, a filosofia não pôde sequer começar um ciclo de comunicação sensato em cerca de cento e cinquenta anos e, portanto, está morta.

Tomemos agora a pessoa que se tornou muito "experiente" na vida. Esta pessoa tem uma trilha do tempo particular. Esta trilha do tempo é a sua própria trilha do tempo e não a de outra pessoa qualquer. As individualidades básicas entre os homens se baseiam no fato de que diferentes coisas aconteceram com eles e que vêem essas diferentes coisas de diferentes pontos de vista. Assim, temos individualização e temos opinião, consideração e experiência individuais. Dois homens que caminham pela rua testemunham um acidente. Cada um deles vê o acidente de pelo menos um ponto de vista ligeiramente diferente. Ao consultarmos doze testemunhas do mesmo acidente, é bem provável que encontremos doze acidentes diferentes. À parte o fato de que as testemunhas gostam de lhe dizer o que julgam ter visto, em lugar do que viram, houve realmente doze pontos diferentes dos quais o acidente foi visto e, portanto, doze aspectos diferentes da ocorrência. Se essas doze pessoas fossem reunidas e se comunicassem entre si sobre este acidente, então chegariam a um ponto de concordância sobre o que realmente aconteceu. Pode não ter sido o acidente, mas por certo é o acidente concordado, que então se torna o acidente real. É deste modo que os jûris se portam. Podem ou não estar julgando o crime real, mas certamente estão julgando o crime acordado.

Em qualquer guerra, demora de dois a três dias para que ocorra concordância suficiente para se saber o que aconteceu numa batalha. Embora possa ter havido uma batalha de verdade, uma sequência real de incidentes e ocorrências, o fato de que cada homem na batalha a via do seu próprio ponto de vista particular, e queremos dizer com isto simplesmente "o ponto de onde ele estava olhando", e não suas opiniões —ninguém viu a batalha na sua totalidade. Assim, o tempo deve intervir para que ocorra comunicação suficiente sobre o assunto da batalha, de modo que todos tenham alguma aparência de concordância sobre o que aconteceu. Naturalmente, quando os historiadores abordam esta batalha e começam a escrever narrativas diferentes a respeito, das memórias dos generais que estavam tentando explicar suas derrotas, obtemos um relato realmente bastante distorcido. Entretanto, no tocante à história, isto passa a ser a batalha concordada. Quando lemos os historiadores, verificamos que jamais se saberá realmente o que aconteceu em Waterloo, em Bennington, em Maratona. Como podemos considerar como comunicação um soldado atirando contra outro soldado, vemos que estamos estudando comunicações sobre comunicação. Esta atividade erudita é muito boa, mas não nos faz avançar muito na solução dos problemas humanos.

Vimos estas duas palavras "causa" e "efeito" desempenhar uma função importante na fórmula da comunicação. Vimos que a Primeira

Causa se torna, ao final do ciclo, o último Efeito. Ademais, no ponto intermediário, o Primeiro Efeito muda imediatamente para Causa, para ter um bom ciclo de comunicação. Então, o que queremos dizer por "Causa"? Causa é simplesmente o ponto de emanção da comunicação. O que é "Efeito"? Efeito é o ponto de recebimento da comunicação. Como estamos interessados apenas em unidades de vida, vemos que podemos verificar facilmente a causa a qualquer momento. Não estamos interessados na Causa secundária ou terciária. Não estamos interessados em assistir causas de qualquer maneira. Não estamos interessados em efeitos secundários ou terciários. Não estamos interessados em assistir efeitos de qualquer maneira. Consideramos que sempre que olhamos para um ponto de origem de uma comunicação estamos olhando para Causa. Como toda a trilha é composta deste padrão de Causa e Efeito, uma pessoa, sempre que vê um possível ponto de causa, inclina-se a procurar por um ponto de causa anterior, e depois para outro mais anterior, e outro mais anterior, e depois de algum tempo começa a ler a Bíblia, o que é muito ruim para os olhos.

Pelo fato de que toda Causa é simplesmente causa escolhida, e todo Efeito é apenas efeito escolhido, e que o primeiro escalão é o nível de idéia da comunicação, que é Causa escolhida como Causa, que é Efeito escolhido como Efeito, não há mais nada a dizer a respeito disso. Em nosso dicionário, causa aqui significa apenas "ponto de origem". Efeito significa apenas "ponto de recebimento".

Observamos que o ponto de recebimento, a meio caminho no ciclo de comunicação, muda e se torna ponto de origem. Poderíamos classificar esta mudança no centro do ciclo de comunicação de algum outro modo, mas não é necessário fazê-lo. Estaríamos complicando demais para nossos propósitos.

Chegamos agora ao problema do que uma unidade de vida deve estar disposta a experimentar para comunicar-se. Em primeiro lugar, o ponto de causa primário deve estar disposto a ser duplicável. Deve ser capaz de dar pelo menos alguma atenção ao ponto de recebimento. O ponto de recebimento primário deve estar disposto a duplicar deve estar disposto a receber, e deve estar disposto a transformar-se num ponto de origem para enviar de volta a comunicação, ou uma resposta. E o ponto de origem primário, por sua vez, deve estar disposto a ser um ponto de recebimento. Como estamos lidando basicamente com idéias e não com mecânica, vemos que deve haver um estado mental entre um ponto de causa e de efeito pelo qual cada um está disposto a ser Causa ou Efeito à vontade, disposto a duplicar à vontade, disposto a ser duplicável à vontade, disposto a mudar à vontade, disposto a experimentar a distância intermediária e, em suma, disposto a comunicar. Onde obtemos estas condições num indivíduo ou num grupo, temos pessoas sadias. Onde ocorre uma má vontade em enviar ou receber comunicação, onde as pessoas enviam comunicações de maneira obsessiva

ou compulsiva, sem direção e sem tentarem ser duplicáveis, onde as pessoas que recebem comunicações permanecem caladas e não dão reconhecimento ou resposta, temos fatores aberrativos. E é muito interessante notar que, do ponto de vista do processing, temos todos os fatores aberrativos que existem. Não precisamos saber de mais nada sobre aberração do que o fato de ser uma desorganização do ciclo de comunicação. Mas, naturalmente, para sabermos isto, temos de conhecer os componentes da comunicação e o comportamento esperado.

Algumas das condições que podem ocorrer numa linha aberrada são uma omissão em ser duplicável antes que se emita uma comunicação, uma intenção contrária a ser recebida, uma má vontade em receber ou duplicar uma comunicação, uma má vontade em experimentar distância, uma má vontade em mudar, uma má vontade em dar atenção, uma má vontade em expressar intenção, uma má vontade em reconhecer e, de modo geral, uma má vontade em duplicar. Poderíamos até mesmo dizer que a razão porque a comunicação ocorre, em vez de ocupar o mesmo espaço e conhecer -- a comunicação introduz a idéia de distância -- é que a pessoa não está disposta a ESTAR no grau necessário para ser qualquer coisa. Prefere comunicar a ser. Assim, verificamos que a incapacidade de comunicar é uma escala graduada -- desce com a incapacidade de ser. Temos indivíduos que chegam ao ponto de apenas estarem dispostos a ser eles próprios. Na medida em que uma pessoa se torna "a única", não está disposta a comunicar nas dinâmicas restantes. Uma pessoa que se tornou somente ela própria está na situação triste e aflitiva de estar fora da Segunda, da Terceira e da Quarta Dinâmicas, pelo menos.

Alguém poderia ver que a solução para a comunicação é não comunicar. Poder-se-ia dizer que se, para começar, ele não tivesse comunicado, não estaria agora em dificuldades. Pode ser que haja alguma verdade nisso, mas não há verdade no fato de que o processing no sentido de tornar a comunicação desnecessária, ou de reduzir a comunicação, não é processing algum, mas assassinato. Um homem está tão morto quanto não possa comunicar. Está tão vivo quanto possa comunicar. Com incontáveis testes realizados no departamento de redação e investigação da RASI, descobri um ponto que se poderia chamar de conclusante, pelo qual o único remédio para a condição de viver é maior condição de comunicação. Devemos ampliar nossa capacidade de comunicar.

Provavelmente o único erro importante existente na Filosofia Oriental, e provavelmente o único em que me frustrei na minha juventude, foi esta idéia de que a pessoa deveria afastar-se da vida. Eu tinha a impressão de que todos os meus bons amigos entre os sacerdotes e homens santos que eu tinha, estavam tentando afastar-se e cortar suas comunicações com a existência. Independente do que os compêndios de Filosofia Oriental possam dizer, esta era a prática das pessoas mais versadas no "know-how" mental e espiritual do Oriente.

Assim, vi pessoas gastando quatorze ou dezoito anos para alcançar um alto nível de serenidade espiritual. Vi muitos homens estudando e muito poucos alcançando seu objetivo. Para meu impaciente e talvez prático ponto de vista ocidental, isto é intolerável. Durante muitos anos fiz esta pergunta: "Comunicar ou não comunicar?" Se alguém se metesse em total dificuldade por causa da comunicação, então, naturalmente deveria parar de comunicar. Mas este não é o caso. Se alguém se mete em dificuldades por comunicar, deve comunicar ainda mais. Mais comunicação, não menos, é a resposta e considero este enigma resolvido após um quarto de século de investigações e reflexões.
